



A área de 690 metros foi capinada ontem pelas famílias, que disseram esperar continuar na região

## Invasor cerca área sob viaduto

As 115 famílias invasoras da área de 690 metros de extensão sob o viaduto de acesso à Segunda Ponte, em Jardim América, Cariacica, realizaram ontem a limpeza do terreno — de propriedade do Governo do Estado — para dar início à instalação de barracos no local. A invasão começou no último sábado e no domingo todos os lotes já estavam cercados. O diretor de Operações do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem (DER) — órgão responsável pela área —, Altamiro Tomaz, informou que a Procuradoria Judicial do DER tomará as providências legais para a retirada dos invasores.

O Governo do Estado desapropriou aquela área durante a construção da ponte Dom João Batista (Segunda Ponte) para ser utilizada como canteiro de obras, segundo esclareceu o diretor de operações do DER. “Como o DER tem o dever de preservar o patrimônio do Estado, tomaremos as providências cabíveis para a retirada dos invasores da região”, afirmou Tomaz, ao relatar que engenheiros do órgão estiveram no local na tarde de ontem e realizaram uma avaliação da área. Os técnicos enviaram um ofício à Diretoria de Operações do DER com informações sobre a visita. Tomaz assegurou que ainda hoje encaminhará um comunicado à Procuradoria Judicial do órgão para providenciar o andamento legal do despejo.

### “Única saída”

De acordo com Carlos Roberto

Nunes, um dos primeiros invasores, as 115 famílias provenientes do bairro Cobi de Baixo, em Vila Velha, decidiram ocupar a área porque o terreno estava abandonado. Ele justificou que as famílias não têm condições de pagar aluguel, o que foi motivo principal para a acusação. “Em Cobi o aluguel de um barraco de um cômodo varia de Cr\$ 12 mil a Cr\$ 15 mil, e muitos nem têm banheiro, água e luz para os moradores”, explicou Nunes, acrescentando que no bairro onde moravam um banheiro servia a dez famílias à região. Ele contou que três famílias começaram a invadir o local no último sábado e providenciaram a construção de uma pinguela sobre o Rio Marinho permitindo o acesso de outras pessoas.

Nunes relatou que desde o final de semana os invasores realizaram os serviços de capina e limpeza dos lotes à margem do Rio Marinho — cada um com 6 metros de extensão — seguros de que o Governo do Estado vai permitir a permanência na área, que estava servindo para “esconderijo de marginais devido ao estado de abandono em que se encontrava”. “O Governo cedeu uma área embaixo da Segunda Ponte para uma Escola de Samba. Por que não vai ceder esse terreno para uma população de baixa renda?”. Indagou.

“O aluguel está caro e a invasão foi nossa única saída”, disse Rita de Fátima Lima, 29 anos, mãe de três filhos e grávida de oito meses. Já Orliana Maria Nunes, que sustenta dois fi-

lhos e um neto, com menos de um salário mínimo, disse que decidiu ocupar um lote porque recentemente uma amiga foi despejada do barraco em Cobi de Baixo, o que ela teme que aconteça com vários moradores do bairro. “Eu também não tive outra saída, já que o dinheiro é curto para pagar aluguel e viver com minha mulher que está grávida do primeiro filho”, comentou o desempregado Luciano Souza.

### Alternativa

Os invasores estão tão confiantes de que vão permanecer no local que já escolheram até o nome da área que começaram a habitar: Beira-Rio. Segundo Antônio Carlos Nunes, se o Governo do Estado se decidir pelo despejo, as famílias vão ocupar outra área, próxima ao local da invasão. “Três pessoas estiveram aqui hoje (ontem), se dizendo proprietárias daquele outro terreno, que fica na entrada do bairro Nova América (Vila Velha). Os dois engenheiros com quem conversei garantiram que a Companhia Vale do Rio Doce é a proprietária legal, e a outra pessoa afirmou a mesma coisa. Pelo que eu sei, a disputa dessa área está na Justiça, envolvendo também Osvaldo Viola, há 20 anos”, mencionou Nunes ao dizer que os invasores também vão entrar nessa “briga”, já que a Justiça “não definiu nada até agora. Essa será nossa alternativa, caso o Governo resolva despejar o pessoal”, concluiu o invasor.